



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

VICTOR TORRI CARDOSO 16206238

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

A LINGUAGEM SEXUAL NA ARQUITETURA
o processo de leitura do espaço sexualizado

Florianópolis, 2022

1. APRESENTAÇÃO

Começo esse trabalho afirmando dois compromissos que ele tem. O primeiro é com as pessoas com as quais convivi ao longo de minha vida que não tiveram o mesmo acesso à educação que eu tive, amigos, conhecidos e familiares que passaram por minha vida e me deram suporte para estar onde estou.

Para muitas dessas pessoas eu espero já ter contribuído com algum ensinamento novo, seja um momento de autorreflexão ou uma curiosidade. Mas devido à natureza deste trabalho espero principalmente ter contribuído para as pessoas que fogem da configuração heterossexual masculina cisgênero branca e que elas vejam seu potencial num mundo que as tenta confinar.

Eu, como homem gay, cisgênero, tive, durante meu período de graduação, aperfeiçoado meu olhar para o mundo e sentindo como ele se revela. Aprendi a expressar melhor minha sexualidade nesses anos, bem como percebi o quanto nossa configuração espacial a limita por não se encaixar nos padrões masculinos heterossexuais. Então, para essas pessoas que citei, e para muitas outras que este trabalho possa alcançar, direta ou indiretamente, espero mostrar o quão fortes são mesmo quando elas mesmas não acreditam nisso, a capacidade de autonomia que elas podem ter nesse mundo que as limita.

O segundo compromisso que tenho com este trabalho é com as pessoas que contribuíram para ele diretamente. Estas pessoas, que aceitaram participar da pesquisa que fiz através de um formulário na internet e curiosas me responderam dizendo que consegui gerar momentos de autorreflexão, de autoconhecimento e de divertimento também. Estas pessoas, que me assustaram quando percebi a responsabilidade que me coloquei.

E agora, com orgulho do que fiz com esta mesma responsabilidade, apresento este trabalho, na esperança que ele esteja acessível não somente a uma comunidade acadêmica, na qual busco problematizar a estética sexual na arquitetura.

2. INTRODUÇÃO

O arquiteto finlandês Juhani Pallasmaa disse em seu livro “*A Imagem Corporificada: Imaginação e Imaginário na Arquitetura*” (2013):

A arquitetura sempre inventou a realidade e a cultura por meio da transformação dos contextos humanos em imagens e metáforas de vida e de ordem idealizada, em narrativas arquitetônicas fictícias. Historicamente, a arquitetura também existiu entre as dimensões cósmica e humana, a eternidade e o presente, os deuses e os mortais. Ela desempenha um papel central na criação e projeção de uma autoimagem idealizada de determinada cultura. (p. 19)

A arquitetura, portanto, é um importante veículo para compreender o contexto histórico e cultural em que estamos inseridos. Muito se pode ler sobre os hábitos de um determinado povo apenas por se analisar a arquitetura local.

As edificações são frequentemente apresentadas desvinculadas de seu contexto de paisagem, cultural e realidade social. Elas também são mostradas e avaliadas como objetos estéticos separados de visão de um mundo ou imagens da vida e dos valores que transmitem. Ainda assim, as obras de arquitetura tendem a ser representações metafóricas extremamente condensadas da cultura, e essas imagens metafóricas guiam e organizam nossa percepção de pensamento (PALLASMAA, 2013, p.118)

Essa autoimagem que o autor relata vem acompanhada de mensagens veladas quanto à estruturação de poder, acolhimento, pertencimento e opressão ambiental. Dito isso, junto às minhas próprias experiências ao longo dos anos, percebi o valor sexista que ela pode ter.

A forma construída da cidade é uma representação complexa de aspectos sociais, políticos, tecnológicos e econômicos; de ideais, ideologias e valores ao longo de centenas de anos. As cidades são artefatos culturais. No entanto, vivemos em cidades onde quase 100% do ambiente ao nosso redor foi possuído, legislado, projetado e implementado por homens (BROOKS, 2015, *apud* ANTUNES, 2015, p. 13).

Estamos constantemente lendo as mensagens do ambiente que nos circunda, mesmo que inconscientemente, e essa leitura tem o poder de reforçar nossa estrutura social, que foi baseada nas relações sexuais de gênero.

Séculos atrás, nossa sociedade se firmou num padrão binário de como deveriam ser as interações sociais, fundamentado no sexo biológico de cada pessoa, categorizando os indivíduos como homens ou mulheres. Esse binarismo é o que chamamos de identidade de gênero. Hoje em dia, a ideia de gênero transcende o fundamento biológico e conseqüentemente a escala binária simples, podendo uma pessoa se identificar como homem ou mulher cisgênero (que se identificam com o

gênero que lhes foram atribuídos ao nascer), homem ou mulher transgênero (que não se identificam com o gênero que lhes foram atribuídos ao nascer), ou ainda estrapolar essa escala para um não-binarismo, gênero fluido, ou qualquer outra designação, uma vez que o gênero é um rótulo que cada um escolhe para si, e nenhuma outra pessoa pode dizer algo contrário.

O termo "gênero" também é utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. Seu uso rejeita explicitamente explicações biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum, para diversas formas de subordinação feminina, nos fatos de que as mulheres têm a capacidade para dar à luz e de que os homens têm uma força muscular superior. Em vez disso, o termo "gênero" torna-se uma forma de indicar "construções culturais" - a criação inteiramente social de idéias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. "Gênero" é, segundo esta definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. Com a proliferação dos estudos sobre sexo e sexualidade, "gênero" tornou-se uma palavra particularmente útil, pois oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis sexuais atribuídos às mulheres e aos homens. Ainda que os/as pesquisadores/as reconheçam a conexão entre sexo e aquilo que os/as sociólogos/as da família chamaram de "papéis sexuais", esses/as pesquisadores/as não postulam um vínculo simples ou direto entre os dois. O uso de "gênero" enfatiza todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas não é diretamente determinado pelo sexo, nem determina diretamente a sexualidade. (SCOTT, 2017, p. 75-76)

O restante do espectro que abrange a sexualidade humana é ainda mais difícil de se catalogar. A orientação sexual, parte que cabe ao que atrai cada pessoa sexualmente num outro indivíduo, por exemplo, leva em consideração fatores como o sexo biológico, identidade de gênero e expressão de gênero. Este último fator mencionado, por sua vez, independe da identidade de gênero, é pautado em *performances* e estereótipos do que é masculino e feminino, como no caso de homens afeminados, mulheres masculinas e ainda pessoas que não se encaixam no padrão binário, mas se expressam com determinado estereótipo.

De qualquer forma, essa desconstrução do espectro sexual humano é morosa, uma vez que luta contra milênios de um padrão machista estrutural dominante. E, justamente reforçando esse padrão, está a nossa linguagem arquitetônica, mesmo que inconscientemente.

O ambiente feito pelo homem que nos cerca reforça definições patriarcais convencionais do papel da mulher na sociedade e imprime essas mensagens em nossas filhas e filhos. Eles nos condicionaram a uma miopia ambiental que limita nossos autoconceitos, que limita nossas visões e escolhas de como viver e trabalhar, que nos limita por não fornecer os ambientes que precisamos para sustentar nossa autonomia ou por nos impedir de acessá-la. É hora de abrimos nossos olhos e vermos a natureza política dessa opressão ambiental. (WEISMAN, 2000, *apud* ANTUNES, 2015, p. 9, tradução própria).

Isso se torna evidente quando percebemos que a leitura que fazemos do espaço possui influência pelo nosso espectro sexual individual. Quanto mais distante do padrão heteronormativo cisgênero masculino uma pessoa está, mais sensível será essa leitura dos fatores que geram as percepções de pertencimento, acolhimento e conforto num ambiente. Por exemplo, uma mulher cisgênero poderá ver uma rua escura e vazia com apreensão, enquanto um homem gay verá a mesma rua como local de prática sexual (CARMONA, 2020).

Meu trabalho aqui, portanto, é trazer uma perspectiva de como é o processo de leitura que fazemos do ambiente, pelas suas características sexualizadas, para assim nos atentarmos, enquanto pessoas que moldam o ambiente, dos poderes e responsabilidades que temos para otimizar o espaço. Não procuro encerrar discussões ou trazer afirmações absolutas, como dito, a desconstrução de uma cultura fortemente enraizada é morosa, por isso espero justamente que este trabalho abra espaço para discussões futuras acerca do tema.

Através de revisões bibliográficas e da aplicação de um questionário para consulta popular, o trabalho consiste em três partes: captação, decodificação, e restituição, como fases do processo que fazemos dessa leitura.

A parte de captação está ligada às nossas impressões ao fazer a leitura do ambiente, é a parte mais subjetiva e individual do processo, por isso é onde começa a análise dos resultados do questionário para um mapeamento desse processo.

A segunda fase, decodificação, diz respeito a como recebemos e trabalhamos o que foi captado, como deciframos e entendemos símbolos e estereótipos impostos a nós pelo ambiente. Para esta parte foi feito um apanhado histórico de como a arquitetura foi utilizada para reforçar as concepções do ideal masculino e feminino, bem como diferentes culturas em seus contextos lidam com a energia sexual na sociedade.

Por fim, a fase de restituição fala das consequências dessa leitura, o que é externalizado depois de decodificar o ambiente, qual o resultado dela no nosso íntimo, tanto numa escala individual, quanto coletiva.

3. CAPTAÇÃO

A primeira fase do processo de leitura do ambiente, a captação, tem como força motriz nossa bagagem de vida, que foi formada por experiências pessoais anteriores.

A arquitetura sempre reconheceu a psicologia das estruturas físicas, mas era principalmente uma psicologia aplicada que coloca os ocupantes dessas estruturas em papéis passivos. Paredes de certas cores são quentes ou frias. Casas em estilo contemporâneo dão uma sensação de "liberdade" (por causa do uso mínimo de partições e uma porção de amplas janelas). Em escolas, boa iluminação promove melhor aprendizagem. Supõe-se que conforto e conveniência sejam atributos psicológicos, e pouco esforço tem sido feito para distinguir as diversas bagagens culturais, econômicas e étnicas dos usuários. (ITTELSON, PROSHANSKY, RIVLIN, WINKEL, 2005, p. 6)

A captação, bem como qualquer outra individualidade, é subjetiva; ainda assim, nossas individualidades possuem muito estímulo do meio cultural em que estamos inseridos. Nossa cultura nos molda desde a escala coletiva à escala individual, formando nossa identidade cultural.

A identidade cultural está relacionada com a forma como vemos o mundo exterior e como nos posicionamos em relação a ele. Esse processo é contínuo e perpétuo, o que significa que a identidade de um sujeito está sempre sujeita a mudanças. Nesse sentido, a identidade cultural preenche os espaços de mediação entre o mundo "interior" e o mundo "exterior", entre o mundo pessoal e o mundo público. Nesse processo, ao mesmo tempo que projetamos nossas particularidades sobre o mundo exterior (ações individuais de vontade ou desejo particular), também internalizamos o mundo exterior (OLIVEIRA, 2022, n.p.)

Estudando alguns grandes nomes da psicanálise, encontrei a teoria de Wilhelm Reich que diz que a energia sexual governa a estrutura do sentimento e do pensamento humano (GOLDENBERG, 2020). Com isso, comecei a pensar como essa energia sexual rege nossa captação do ambiente.

Ainda no campo da psicanálise, encontrei a teoria da libido de Freud, que deu base a muitas das teorias de Reich. O conceito de libido para Freud está ligado à energia de vida, ou seja, nossas motivações, manutenções, mudanças positivas que nos impulsionam (AZEVEDO, MELO NETO, 2015). Essa energia está fortemente ligada à busca pelo prazer, por isso a associação sexual. Desde as fases iniciais da vida, as quais não conhecemos o prazer sexual, já temos impulsos (pulsões) que buscam reviver as sensações de prazer, como um bebê ao chuchar qualquer objeto em busca de satisfação, tal satisfação que não provém da necessidade básica de se

alimentar. Portanto, neste trabalho ressalto que a libido que abordo não é necessariamente sexual, mas sim ligada às sensações de prazer.

Sabendo que as percepções de prazer são subjetivas, para fazer um mapeamento sobre como o ambiente estimula nossa leitura sexual fiz uma consulta popular através do *google forms*, no qual pergunto como algumas características do ambiente influenciam na sua libido. Deixo claro que essa libido não deveria ser entendida como necessariamente sexual, mas como uma sensação de prazer. Os respondentes tiveram seu anonimato garantido, uma vez que algumas das perguntas feitas, eram de teor íntimo e poderiam gerar constrangimento caso identificados. Ao todo foram 118 respostas.

Os participantes deveriam atribuir notas de 1 a 5, sendo 1 pouco estimulante para sua própria libido e 5 muito estimulante quando analisada alguma característica específica que um ambiente pode apresentar. A partir dessas notas, fiz o cálculo da média como nota final de cada aspecto questionado.

A circulação deste questionário ocorreu em minhas redes sociais (*Instagram, Facebook* etc.) e de alguns amigos próximos, por isso, obtive uma amostra significativa. Perguntas envolvendo questões econômicas, culturais e étnicas não foram levadas em consideração para a elaboração deste questionário.

O mapeamento dos participantes do questionário tinha por finalidade a identificação da identidade sexual de cada um, ou seja, sua idade (já que as diferentes gerações possuem visões diferentes quanto ao tabu que ainda é falar de sexo), identidade de gênero e orientação sexual, além de outras perguntas usadas como estratégia para deixar os participantes mais a vontade para responderem sobre questões íntimas.

Como mostram a figura 1 e tabela 1, a amostra constitui majoritariamente de pessoas jovens (com mais de 85% entre 18 e 30 anos), quanto a identidade de gênero a soma maioria se assume como mulher cisgênero, e quanto a orientação sexual a divisão ficou equilibrada entre os que se identificam como heterossexuais (58 participantes) e os não-heterossexuais (60 participantes).

Idade dos participantes

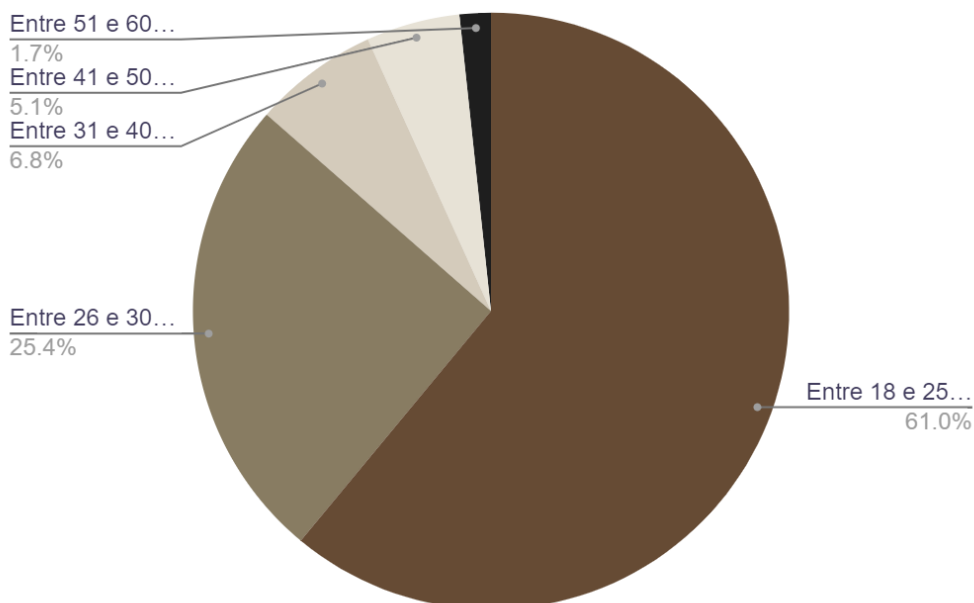


Figura 1: Idade dos participantes. Elaborado pelo autor.

Identidade de Gênero	Orientação Sexual					Total geral
	Assexual	Bissexual	Heterossexual	Homossexual	Pansexual	
Fluido		2				2
Homem Cis	1	7	13	22	2	45
Homem Trans			1			1
Mulher Cis		22	44	1	2	69
Mulher Trans				1		1
Total geral	1	31	58	24	4	118

Tabela 1: Relação entre orientação sexual e identidade de gênero dos participantes . Elaborado pelo autor.

A partir desse mapeamento, algumas das perguntas foram analisadas levando em consideração a identidade de gênero e/ou a orientação sexual dos participantes.

Na parte em que começa minha análise, peço que os participantes avaliem características no ambiente, como volumetria, materiais, e cores, visando como esses itens podem estimular a libido de cada um. Além das opções de 1 a 5 nas

notas, também foi dada a opção de não saber responder, esses não foram computados na média final.

Quanto às características do ambiente, separando as notas médias entre homens, mulheres e totais, os resultados foram:

Situação	Média Homens	Média Mulheres	Média Total
Espaço aberto	2,48	2,84	2,69
Espaço fechado	3,6	3,79	3,73
Espaço público	2,26	2,3	2,27
Espaço privado	3,52	3,97	3,80
Espaço amplo em altura	2,83	3,25	3,07
Espaço proibido	2,98	2,92	2,92
Com possibilidade de ser flagrado	2,43	2,12	2,22
Com possibilidades de apoio	3,62	4	3,82
Com formas curvas	3,17	3,35	3,27
Com formas retas	2,72	3,15	2,98

Tabela 2: Influência das características do ambiente na libido. Elaborado pelo autor.

Como se pode analisar, as condicionantes que mais estimulam a libido, segundo os participantes, são os espaços fechados, privados e com possibilidades de apoio. Enquanto as condicionantes menos estimulantes, está condicionado a possibilidade de ser flagrado e os espaços públicos.

Além disso, os únicos casos em que a característica analisada possui maior estímulo nos homens do que nas mulheres são: espaços proibidos, com possibilidades de ser flagrado.

Curiosamente no levantamento feito por Leonardo Galhardo (2019), em seu trabalho de conclusão de curso, com o título *Fetichicidade*, sobre arquitetura homoerótica, um dos fetiches que seus participantes mais demonstraram interesse foi quanto à possibilidade de ser flagrado. O que evidencia como a amostra de participantes pode influenciar nos resultados obtidos.

Quanto à iluminação e ao som do ambiente: foi perguntado sobre iluminação difusa (ambiente iluminado por igual) e direta (iluminação em pontos estratégicos), ajustável e colorida, e que tipos de sons são mais agradáveis (Tabela 3).

Situação	Média
Iluminação por igual	2,09
Iluminação em pontos estratégicos	3,86
Iluminação ajustável	3,99
Iluminação neon	3,13
Iluminação colorida	3
Sons da natureza	3
Sons instrumentais	2,81
Música com letra e intérprete	3,25
Sem som ou música	3,26

Tabela 3: Influência da iluminação do ambiente na libido. Elaborado pelo autor.

As situações mais estimulantes foram a iluminação ajustável e iluminação em pontos estratégicos, em contrapartida, a iluminação por igual foi a menos estimulante, mostrando que a amostra não prefere uma iluminação indiferente no ambiente, e sim um aspecto de teatralidade.

Os resultados quanto aos sons foram todos em torno de 3, e curiosamente o ambiente sem som ou música obteve a nota mais alta.

Em relação às cores presentes no ambiente, o vermelho e o preto foram as únicas que obtiveram notas acima de 3 (Figura 2).

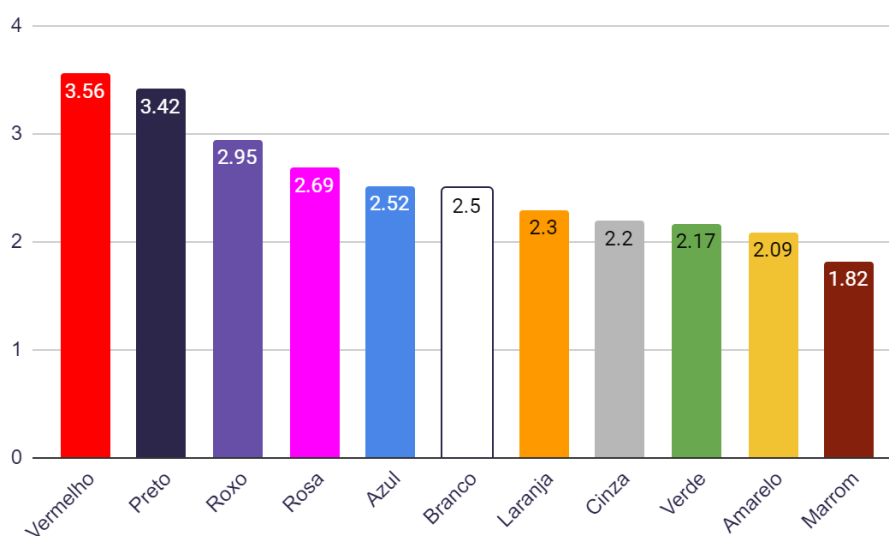


Figura 2: influência das cores no ambiente na libido. Elaborado pelo autor.

O marrom está em primeiro lugar quanto à classificação de cores preteridas de Eva Heller em *A Psicologia das Cores* (2014), o que pode explicar porque ele está em último lugar na minha classificação de estimulantes da libido. O azul na obra de Heller ganha o pódio de cor mais apreciada, entretanto neste formulário não possui muito destaque.

Cor	Média Homens	Média Mulheres	Média Geral
Vermelho	3,54	3,57	3,56
Preto	3,22	3,52	3,42
Roxo	3,2	2,77	2,95
Rosa	2,9	2,55	2,69
Azul	2,61	2,43	2,52
Branco	2,22	2,69	2,5
Laranja	2,43	2,2	2,3
Cinza	2,31	2,16	2,2
Verde	2,23	2,13	2,17
Amarelo	2,24	1,92	2,09
Marrom	1,89	1,79	1,82

Tabela 4: Influência das cores do ambiente na libido em relação ao gênero dos participantes. Elaborado pelo autor.

Como podemos notar na tabela 4, o rosa, cor estereotipada como feminina, foi apontada como mais influente na libido pelos homens do que pelas mulheres.

Por fim, o último tópico de análise quanto à influência na libido foi sobre os materiais presentes no ambiente (Tabela 5).

Material	Média Homens	Média Mulheres	Média Geral
Tecido	3,64	3,73	3,71
Espelhados	3,46	3,3	3,39
Madeira	3,07	3,52	3,33
Transparentes	3,07	3	3,01
Couro	2,83	2,6	2,72
Pedra	2,65	2,72	2,69
Concreto	2,29	2,11	2,17

Tabela 5: influência dos materiais na libido. Elaborado pelo autor.

Os tecidos e materiais espelhados foram os assinalados mais influenciadores, enquanto o concreto o menos influenciador.

Concluindo essa primeira fase da leitura espacial, começamos a trabalhar ela no nosso íntimo, partindo para a etapa de análise do que foi captado. Com esses objetos de análise, consegue-se criar um norte de mapeamento de projeto sobre como deixar o ambiente prazeroso e convidativo.

Separei a análise de alguns itens por gênero pois, como falarei melhor na próxima etapa, muitos deles carregam decodificações estereotipadas por gênero, e a pesquisa mesmo demonstrou que, ao se cruzar as respostas das notas com o gênero dos participantes, não houve em geral disparidades muito sensíveis entre homens e mulheres. Demonstrando que a leitura do ambiente sob uma óptica de prazer não possui grande influência do gênero.

4. DECODIFICAÇÃO

A segunda fase da leitura espacial é onde começa a transição da escala íntima para a escala coletiva. É nesta fase em que reconhecemos o potencial que a arquitetura tem de moldar normas coletivas em nossa individualidade. Quando decodificamos o ambiente, estamos identificando as mensagens que ele quer passar, através de simbologias e estereótipos que podem reforçar e reafirmar normas de comportamento e de identidade.

Arquitetos e projetistas sabem desde há muito tempo que a forma e a aparência de um prédio influenciam certos comportamentos que acontecem dentro dele. Estudiosos da História da Arquitetura já notaram que as moradias do homem em todos os cantos do mundo são um reflexo dos valores sócio-culturais da época e da região, expressando necessidades que estão além da mera necessidade de abrigo físico - necessidades psicológicas e de identidade, criatividade e harmonia com o mundo. Quando os homens constroem casas, eles criam não só um ambiente físico, mas também um ambiente psicológico de significados, um mundo simbólico que reforça um esquema particular de gostos e valores. (ITTELSON, PROSHANSKY, RIVLIN, WINKEL, 2005, p. 1)

Na esfera sexual, os símbolos são utilizados desde muitos séculos atrás, podendo ser desde pequenos adornos até grandes edificações. Quando não nos desprendemos desses símbolos, perpetuamos a linguagem sexista do espaço, por isso é muito importante que consigamos reconhecer quando reforçamos indicativos de opressão e segregação, e buscar alternativas de projeto e estilos que vão contra essa ideologia.

Alguns desses símbolos, muitas vezes passam despercebidos por serem ícones que não remetem a signos sexuais diretamente, são o caso dos símbolos implícitos e estereotipados.

Começo apresentando exemplos mais antigos pois as discussões sobre sexualidades, gêneros e estereótipos podem parecer muito recentes para muitas pessoas leigas, e assim demonstro que a necessidade de exprimir uma característica sexual no ambiente não provém de discussões atuais.

Procurar um vínculo entre as disciplinas de arquitetura e gênero (e política, dada a natureza do tema) tem-se revelado um trabalho complexo, até difícil. Além das interrogações simultâneas sobre os vários níveis em que intervêm e interatuam na construção da cidade, da casa, dos espaços e da própria vida, descobrir as posições da mulher na arquitetura e no mundo revelam-se pertinentes para uns, demasiado radicais e fora de tempo e de contexto para os mais céticos (ou iludidos). (ANTUNES, 2015, p. 3)

Nas civilizações antigas temos, por exemplo, o caso das ordens de colunas gregas, que associavam a robustez e a limitação de ornamentos à masculinidade, enquanto a esbeltez, formas curvas e adorno ficavam como remetentes à figuras femininas (Figura 3).



Figura 3: Capitéis gregos. Fonte: Mozaik Education. Disponível em: https://www.mozaweb.com/pt_BR/mozaik3D/VIZ/okor/gorog_oszloptipusok/960.jpg

Os tipos de colunas divergiam de acordo com a divindade ali representada. A ordem dórica (primeira na imagem da esquerda para a direita) é a menos adornada e mais robusta, era mais encontrada nos templos de divindades masculinas. Elas continuaram sendo utilizadas em templos de santos mais extrovertidos após o crescimento do cristianismo. “Nas palavras de Vitruvius, o dórico exemplifica ‘proporção, força e graça do corpo masculino’”(Pereira, 2018, n.p.). A segunda coluna, da ordem Jônica, é mais adornada em relação a dórica e também mais esbelta, sua utilização era mais comum em templos de divindades tranquilas (nem muito fortes, nem muito suaves) e sábias. Suas curvas no capitel aludem ao corpo feminino. Por fim, a ordem coríntia (última da esquerda para a direita) é a mais adornada e esbelta de todas, voltada para divindades femininas e delicadas.

Trago um segundo exemplo que foge do contexto eurocêntrico, evidenciando que essa prática de imprimir um aspecto sexual na arquitetura está presente em diferentes esferas culturais. A Lingam-Yoni, escultura presente em muitos templos indianos, não é utilizada para atribuir um gênero em si, mas sim representar a harmonia das energias masculina e feminina do deus hindu Shiva. Eram utilizados para simbolizar um lugar fértil, e para trazer prosperidade a uma pessoa governante

de um território recém conquistado. Sua representação é de uma estaca de pedra no centro de uma bacia (Figura 4). É utilizada no ritual chamado *Abhisheka*, em que um sacerdote derrama uma mistura de alimentos na Lingam, que desce para a Yoni, e quando passam pela sua bica se é permitido beber.

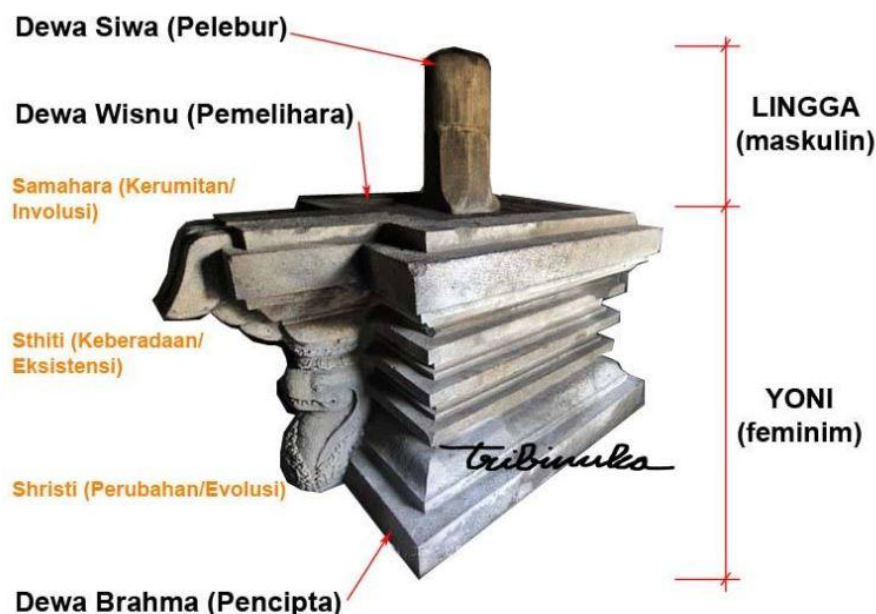


Figura 4: Lingam-Yoni. Fonte idsejarah. Disponível em: <https://idsejarah.net/2016/01/arca-lingga-yoni-dalam-agama-hindu.html>

Outro tipo de simbologia é aquele em que decodificamos um signo sexual a partir de ícone visual de imediato, sem precisar de uma decifração mais trabalhada. Geralmente são ícones da prática sexual em si ou dos órgãos sexuais. Podem ser simples adornos ou itens decorativos, mas nessa gama de exemplos, existem alguns que carregam uma história folclórica do contexto em que estavam.

Os símbolos explícitos possuem uma força de normalização quando o assunto é sexo. Eles tiram o estigma da vergonha e da imoralidade no âmbito sexual justamente por estamparem um tema no qual tabus foram por séculos impostos e permitem que novos debates surjam a partir disso; debates que podem significar salvar vidas indiretamente, uma vez que quanto menos se fala sobre algo, maior é a incompreensão, e muitas inverdades podem ser fomentadas .

No caso da Roma Antiga, por exemplo, a sexualidade era um tema muito mais aberto a discussões, ainda que possuísse julgamentos e níveis de status de acordo com o que se praticava, não se condenava uma pessoa através da justiça

com as próprias mãos (exercício irregular do direito), pelo estilo de vida sexual que ela levava.

Em Pompéia havia representações comuns em lugares em que se praticava atividades sexuais, e podiam representar uma hierarquia social (Figura 5).

Foram resgatadas algumas modalidades representacionais em que o índice se apresentava como figuração sígnica, tanto indicial aos estabelecimentos destinados às práticas sexuais como à alguma condição cultural relacionada ao sexo, “as imagens de atos sexuais ou de órgãos sexuais não estavam relacionadas propriamente ao sexo, mas a uma série de valores por ele atribuído” (SANFELICE, 2016, p.121).

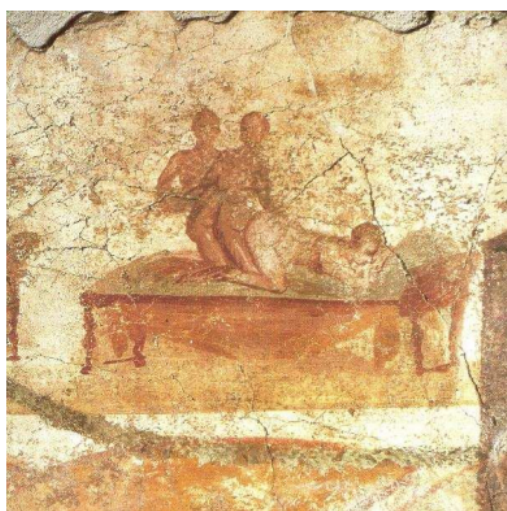


Figura 5: Mural com dois homens e uma mulher em ato sexual. Fonte: Sanfelice, 2016, p. 113

O mural acima, por exemplo (Figura 5), não somente indica um objeto arquitetônico em que se praticava sexo, mas também pode servir como texto de como se portava a vida sexual da sociedade na época. Nos relatos de Pérola Sanfelice (2016), as práticas homossexuais não eram tabu na Roma antiga, entretanto havia um status que alcunhava quem penetra superior a quem é penetrado. Portanto pode-se absorver que nesse mural havia uma mulher sendo penetrada, o que seria considerada sua condição natural, um homem penetrando e sendo penetrado, perdendo parte de seu status, e por fim um homem somente penetrando, mantendo seu status intacto.

A autora ainda afirma que junto com essa imagem foram achados grafites que mencionavam preços, sugerindo que se tratava de uma prostituta. Seria então os dois homens clientes? Ou apenas um deles seria o cliente e o outro um rapaz que também oferecia serviços sexuais?

Como sabemos, as modificações no espaço têm sempre uma mensagem, velada ou não, que o idealizador quis passar. Ao ver esse mural em Pompeia pode-se presumir que a mensagem diz que aquele espaço aceitava alguns tipos de despudor, ou então que aquela imagem poderia servir de lembrete quanto a qual status social se pertence para não corromper sua própria moralidade.

Se de um lado temos uma arquitetura que transforma a realidade e cultura por meio de imagens e metáforas narrativas, e, por outro lado, considerarmos a ação das práticas sexuais como fenômeno cultural, quando unificados estas duas questões, a arquitetura poderá apropriar-se livremente do tema sexual e, conseqüentemente, representá-lo em caráter figurativo, resultando na imagem representacional da arquitetura transmuta pela ação cultural das práticas sexuais. (DEL VALLE, 2018, p. 18)

Ainda no contexto da sociedade romana antiga pode-se encontrar o pênis como símbolo provedor de boa sorte, fartura e prosperidade. Algumas vezes eram encontrados esculpidos junto com a frase em latim “*Hic Habitat Felicitas*” que significa “aqui mora a felicidade” (Figura 6).



Figura 6: Escultura fálica em Pompeia. Fonte: Del Valle, 2018, p. 99

Outro exemplo em que se utiliza a representação fálica está na figura do *Hermae*, uma tipo de estátua de Hermes, deus grego dos viajantes, que constituía em um pilar com apenas a cabeça e o pênis esculpidos. Sua origem se dá ainda na Grécia antiga, entretanto também era comum em contextos do Império Romano. As pessoas acreditavam que se essas estátuas fossem colocadas em cruzamentos de

estradas, entradas de cidades e casas, e prédios públicos, se teria prosperidade e boa sorte.(Figura 7).

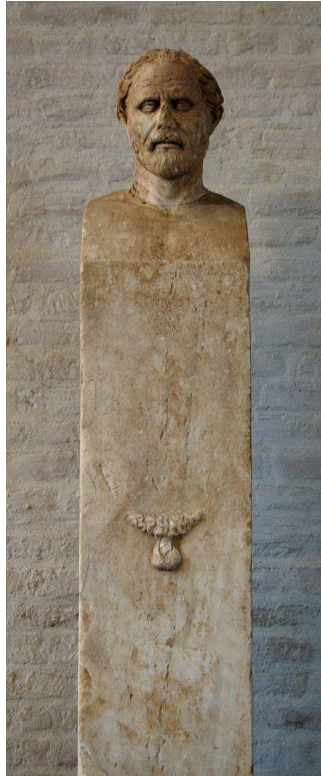


Figura 7: Hermae ateniense. Fonte: stringfixer. Disponível em: <https://stringfixer.com/pt/Hermae>

Saindo do contexto ocidental e voltando aos templos indianos, Del Valle (2018) aborda as fachadas dos templos de Khajuraho, que contêm cenas explícitas de práticas sexuais (Figura 8).

Vale lembrar que, por mais explícitas e obscenas que sejam estas representações, a maneira em que as práticas sexuais eram representadas, sua concepção figurada e metafórica estava em acordo aos costumes e padrões culturais vivenciados pelas civilizações Hindus. (DEL VALLE, 2018, p. 101)



Figura 8: Esculturas eróticas de Khajuraho. Fonte: Del Valle, 2018, p. 101

As mensagens sexuais decodificadas na arquitetura podem ganhar uma escala maior quando se antropomorfiza um corpo arquitetônico, baseando-se em um corpo humano erotizado, e isso se torna a premissa projetual da forma e do volume arquitetônico.

Enquanto os exemplos de simbologias sexuais anteriores poderiam ser alterados ou retirados sem consequências muito sensíveis à tridimensionalidade do objeto arquitetônico, as edificações que foram antropomorfizadas em sua concepção volumétrica perdem a identidade e sua mensagem quando modificados.

As questões anatômicas e simbólicas do corpo erotizado e das práticas sexuais constituem significados culturais a ponto de serem antropomorfizados em edifícios, arranha-céus, portais, e como exemplifica o próprio Sèstito, “à uma série de figuras nas quais o corpo aparece como verdadeiro protagonista do projeto. (DEL VALLE, 2018, p. 105)

A estrutura binária de gênero também se faz presente, pois a antropomorfização também vem de tradições seculares de representação. Os corpos masculino e feminino já não possuem decodificação com equidade na sociedade, também não a terão na representação arquitetônica. O corpo masculino é representado pontualmente em relação a seu órgão sexual, pois possui o privilégio de concentrar a decodificação da masculinidade apenas na imagem do pênis ereto, uma apologia apenas pelo seu privilégio de existir; enquanto o corpo feminino se representa através da prática sexual, o que ele pode oferecer, a decodificação da feminilidade se dá pelos seus produtos, ou o que ela pode esconder.

O “feminino” é encriptado no espaço e, conseqüentemente, dominado e subjugado, numa imagem que aparece como um segredo escondido, como um código que necessita de ser decifrado. Através desta inscrição no espaço, o gênero torna-se um objeto de desconhecimento, ou não reconhecimento, e escapa a uma análise. A feminização do espaço está implícita no modo como as metáforas os conceitos carregam e reproduzem os termos sexuais. Assim, torna-se quase naturalmente permitido que o espaço receba as “características femininas” de passividade, inatividade e ausência de discurso. (ANTUNES, 2015, p. 7)

A antropomorfização do corpo feminino, dificilmente terá, na arquitetura, o mesmo apreço que o pênis, que carrega muitos significados de positividade desde muitos séculos atrás.

A utilização da imagem da vagina como símbolo de entrada em algumas arquiteturas nos leva direto à real atribuição do corpo erotizado feminino, onde a representação simbólica do corpo feminino não está na suavidade do corpo ou a delicadeza que é atribuída a mulher, mas sim ao seu sexo.(DEL VALLE, 2018. p106)

Não existe uma exaltação feminina. O pênis ganha crédito pelo que é, a vagina pelo que faz, e por como pode ser usada de metáfora, por exemplo servir como um portal, uma passagem, como Del Valle bem apontou em sua dissertação de mestrado. “Utilizar a vagina como símbolo hipotético de entrada dos edifícios não relaciona esta representação à simbologia feminina, e sim à simbologia das práticas sexuais femininas” (Del Valle, 2018. p.107). Ou seja, a vagina tem sua representação pelo que ela pode servir ao homem, uma abertura a se penetrar.

Del Valle ainda traz como exemplos o projeto utópico do holandês Hendrik Wijdeveld, o Grand Théâtre du Peuple (Grande Teatro do Povo) (Figura 9), de 1920, e do Forte Saint-André, na França, no qual o artista estadunidense Man Ray sobrepõe a imagem de uma mulher nua, encaixando suas pernas com a torre, e a entrada com sua vagina (Figura 10).

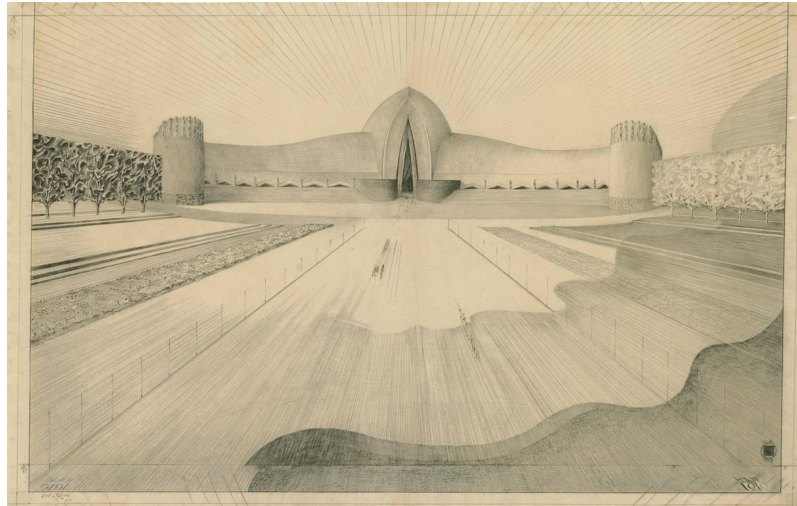


Figura 9: Grand Tèâtre du Peuple. Disponível em: <https://www.amc-archi.com/mediatheque/1/1/4/000004411/hendrik-wijdeveld-grand-theatre-peuple-1919-1920.jpg>

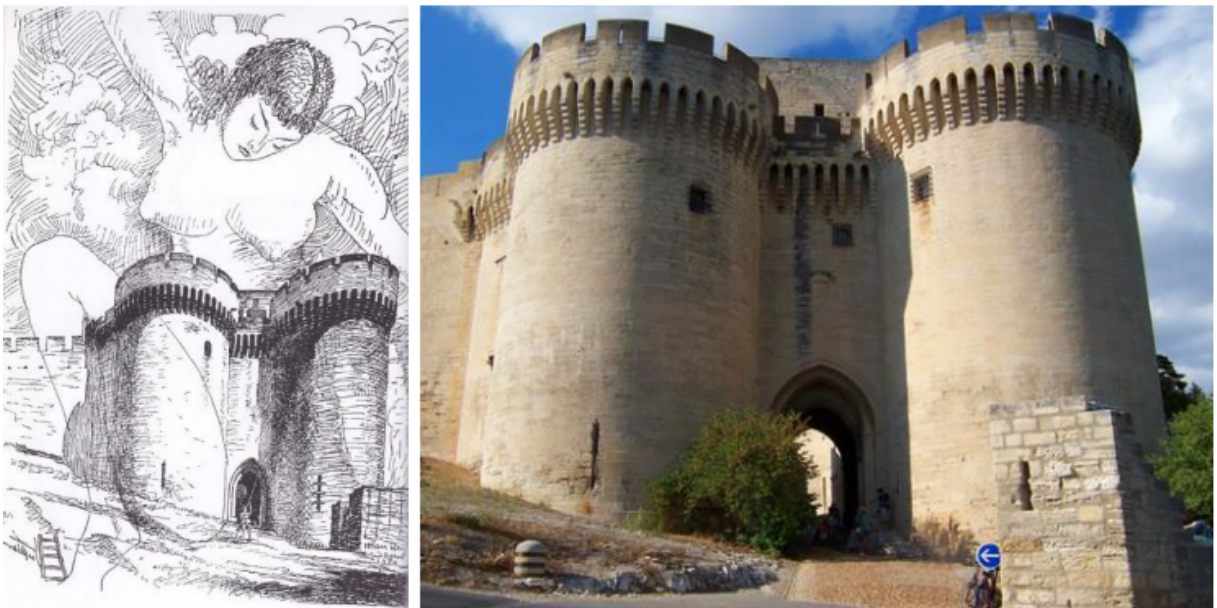


Figura 10: Arte de Man Ray ao lado do Forte Saint-André. Fonte: Del Valle, 2018, p. 107

Por fim, Del Valle ressalta que a representação feminina (bem como a masculina) pode ser vista como obscena nos dias atuais, por isso muitos dos projetos são utópicos, o que leva alguns artistas a criarem instalações arquitetônicas temporárias, como a escultura de Hon-Ella de Niki de Saint Phalle, feita em Estocolmo em 1966 (Figura 11).



Figura 11: Escultura Hon-Ella. Fonte: Del Valle, 2018, p. 111

Já o órgão sexual masculino ganha uma carga de fascínio que se dá desde a antiguidade, suas primeiras representações na escala arquitetônica surgem no Egito, onde, através dos obeliscos, se acreditava que a representação do pênis trazia consigo “o conceito de fertilidade ou fertilização como base de um começo à prosperidade, pois as populações primitivas sempre atribuíram a algumas partes do corpo como portadores do futuro, da regeneração e do crescimento” (SÊSTITO, 2017, p.175 *apud* DEL VALLE, 2018, p. 112).



Figura 12: Coluna de Antonino Pio, em Roma. Disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/8/8f/Base_della_colonna_antonina_01.JPG/1024px-Base_della_colonna_antonina_01.JPG?1659987450575

Essa condição cultural simbólica do pênis representando a fertilidade, o desenvolvimento e crescimento das civilizações e agricultura, fizeram com que a representação da genitália masculina ganhasse grande atenção nas representações simbólicas. Civilizações antigas, desde o oriente até o ocidente, honravam a fertilidade com festivais fálicos e construíam santuários e monumentos em sua simbologia, “representando a fertilidade humana e afirmando a sexualidade masculina e o orgasmo” (HISOUR, 2018), como também, um símbolo de poder. “A diferenciação entre

representação simbólica (falo) e realidade física (pênis) remete-nos à diferenciação entre cultura e biologia” (CORTÉS, 2008, p.150) (DEL VALLE, 2018, p. 113)

O símbolo fálico então foi perdendo o significado bucólico para ser uma ilustração de poder. O sentimento de competição humano, e a busca pela superioridade dos povos deu a essa representação um caráter influenciador e autoritário. Após alguns séculos, o crescimento da cultura judaico-cristã trouxe consigo um conservadorismo quanto às discussões sexuais. “Ao contrário daqueles da antiguidade, que eram representações arquitetônicas flagrantes do falô [...], nos tempos modernos, ‘os santuários do falô’ são mais sutis e podem estar sujeitos à interpretação como tal” (HISOUR, 2018). As torres, obeliscos e outros objetos arquitetônicos com eixo vertical expressivo perpetuaram o símbolo do poder masculino subjacente (Figura 13).

A busca insaciável pelo poder e vitalidade masculina fazem com que “a ideia de conceber torres ou arranha-céus inspirados pelo genital masculino pareça imparável [...], provocativa e 'revolucionária'” (SÊSTITO, 2017, p.177, tradução nossa). Diante desta analogia ao significado representativo dos edifícios de verticalidade extravagante, o artigo acima mencionado cita as palavras do sociólogo francês Henri Lefebvre, “a verticalidade arrogante dos arranha-céus [...], introduz um elemento fálico ou mais precisamente um falocrático no reino visual; o propósito dessa exibição, dessa necessidade de impressionar, é transmitir uma impressão de autoridade”. (HISOUR, 2018). Do mesmo modo, José Miguel G. Cortés (2008) aponta o ponto de vista de Lefebvre à possível maneira de que uma edificação pode se transformar na personificação vital do poder fálico, podendo ser visto como um “emblema energético e ameaçador do poder masculino”, uma espécie de poder que “simboliza metaforicamente força, fertilidade viril, violência masculina... A ereção fálica outorga um status especial sobre a perpendicular” (CORTÉS, 2008, p.152). (DEL VALLE, 2018, p. 117-118)



Figura 13: Obelisco de Luxor, em Paris. Fonte: o autor

Hoje, os arranha-céus são os exemplos mais óbvios dessa representação. Esses prédios com dimensões épicas continuam a competição de quem tem o maior poder devido aos avanços da tecnologia no campo da construção civil. E não são exclusivos da sociedade ocidental. Com o passar do tempo, e junto com o processo de globalização, o perfil de grandes pólos urbanos ocidentais e orientais se assemelham, como podemos ver nos perfis de Xangai e Chicago (Figuras 14 e 15 respectivamente).

O valor que é dado aos espaços é determinado, em grande maioria, pela cultura dominante e através do “imperialismo cultural”, o espaço deixa de se assumir como neutro (como, aliás, nunca o foi). Foi neste sentido que Cortés defendeu que a “cidade é masculina”, recorrendo a uma série de elementos referenciais da arquitetura ocidental; por exemplo, explora os arranha-céus como manifestações fálicas e simbólicas do poder instituído. Neste ponto, a comparação com a forma fálica masculina deve ser entendida como uma imagem (vertical) arquitetônica emblemática do século XX, que pretende representar a crescente globalização da economia e do poder corporativo, ambos do domínio masculino. (ANTUNES, 2015, p. 14)



Figura 14: Perfil de Xangai. Disponível em:
https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/b/b2/Shanghai_Skyline%2C_Dec2014.jpg/1200px-Shanghai_Skyline%2C_Dec2014.jpg



Figura 15: Perfil de Chicago. Disponível em:
<https://www.gaz.com.br/uploads/2022/01/Chicago-Skyline.jpg>

Como chegamos em exemplos contemporâneos, podemos falar mais a fundo sobre como esses símbolos perpetuaram em nosso contexto.

Nos dias de hoje ainda não conseguimos nos desprender de alguns preconceitos para decodificar uma sexualização no ambiente. Essa decodificação fica evidente quando analisamos alguns estabelecimentos comerciais com um público alvo predeterminado e estética estereotipada do que esse alvo absorve como prazeroso.

Pegemos como exemplo um tipo de estabelecimento comercial comum em que esta distinção é bastante clara: os salões de cabeleireiro.

Os salões masculinos, há alguns anos sofreram uma revolução estética. O que antes era um padrão simples de se encontrar, barbearias com cores neutras e claras e formas simples, se tornou um estilo de vida do homem moderno vaidoso. Agora é comum encontrar barbearias em que se oferece não somente um corte de cabelo masculino. Onde geralmente se exercia uma atividade rápida de se realizar, se tornou uma espécie de templo dedicado à beleza masculina, que oferecem bebidas alcoólicas das mais variadas, petiscos, jogos como sinuca e outros serviços estéticos como depilação, sobrancelha e spa. Ao fazer uma análise dessa nova estética, nota-se um padrão por utilizar materiais rústicos bem moldados, como madeira, couro, cores escuras e formas retas que se fundem com a decoração. E justamente por prolongarem o tempo de permanência dos clientes no estabelecimento, esses lugares buscam o estereótipo do que é confortável para que seu público alvo se sinta convidado a se demorar.

Em contrapartida, os salões femininos geralmente buscam na sua estética cores neutras, claras e tons pastéis, que reafirmam o estereótipo de delicadeza feminina, bem como formas curvas e fluidas. E se assemelham às novas barbearias masculinas pela variedade de serviços ofertados e por buscarem o aconchego do seu público alvo e sua permanência prolongada oferecendo serviços de maior duração.

Ambos os modelos citados reforçam o padrão heteronormativo cisgênero existente há séculos na sociedade urbana, apenas se adaptaram para nosso contexto. Ainda assim, eles não excluem a frequência de pessoas que não se encaixam nos padrões, apenas criam uma ambiência que não procura atrair além do seu público alvo.

Logicamente esses padrões não são universais. Os salões que buscam expandir o público alvo além do gênero ou misturam ambos os elementos estéticos, ou buscam uma terceira via de decoração.

Aqui as pautas das militâncias feministas e LGBT+ começam a ganhar espaço no campo da arquitetura.

A arquitetura é uma disciplina que exige ser entendida num contexto, isto é, dentro do contexto social, político e cultural da sua produção e no contexto da sua representação, interpretação e consumo, através de diferentes abordagens acadêmicas, instituições e grupos de interesses. Assim, seguindo as mudanças ocorridas nos debates teóricos, históricos e críticos,

particularmente no que diz respeito ao feminismo, entender o espaço em relação ao gênero continua a pedir uma urgente contextualização e constante debate.(ANTUNES, 2015, p. 3)

Em Florianópolis, observei uma barbearia especificamente que tenta quebrar o padrão do público alvo masculino usando a cor amarela nas paredes. Mesmo que as cores não possuam sexo ou gênero, elas ainda assim são usadas para levantar bandeiras e reforçar ideias do senso comum, como o azul sendo masculino, o rosa no universo feminino, e o arco-íris para a comunidade LGBTQ+. No caso do amarelo, ele é justamente a cor associada ao não-binarismo de gênero.

E quanto à verticalização urbana, ela vai de encontro às pautas feministas quanto ao espaço urbano. Em sua dissertação de mestrado, Jaime Solares Carmona (2020) traz as ideias de três mulheres sobre como seria uma arquitetura feminista. São elas Karen Franck, Suzana Torre e Magrit Kennedy.

Essas mulheres não passam uma receita de como projetar, mas uma série de valores que se seguidos poderão tornar o ambiente mais inclusivo e com mais equidade. Franck lista sete qualidades de um arquitetura feminista: conectividade, inclusão, ética do cuidado, valorização da vida cotidiana, valorização da subjetividade, da complexidade e da flexibilidade. Para Torre, são quatro as categorias de análise: desenho universal (sair do desenho ideal masculino), pensamento crítico dos papéis de gênero (em relação às funções estéticas implícitas), desdiferenciação espacial (neutralização de gênero), e observar qualquer mudança que a questão de gênero possa trazer. Kennedy, por fim, lista que a arquitetura deve ser mais orientada pelo usuário do que pelo projetista, a escala do objeto arquitetônico deve se ater mais ao ergonômico do que o monumental, funcionalidade ante à formalidade, flexível ante à rigidez, orgânico ante ao sistemático, mais holística e complexa do que unidirecional, e ter um caráter mais social do que lucrativo.

Alguns dos itens citados podem ser relacionados às ideias de Jane Jacobs em sua obra mais conhecida, *Morte e Vida de Grandes Cidades*, onde a autora problematiza a falta de segurança quando a cidade se afasta da escala do pedestre.

Não é de se estranhar que a emancipação da mulher no espaço público e as pautas feministas no âmbito urbano sejam concomitantes. A cidade anteriormente era projetada por homens e para homens; decodificavam-se como espaços femininos os ambientes domésticos e familiares

Nos anos 1980 [...] se estabelece um rico diálogo entre as teorias feministas e as práticas de projeto, sempre iluminadas pelo esforço de definição dos universos masculino e feminino. Programas tradicionalmente ligados a atividades femininas, como o cuidado dos filhos (creches) e o cuidado do lar (habitação) ganham centralidade nas discussões da arquitetura feminista. (CARMONA, 2020, p. 32)

Em contrapartida, se o espaço privado está em uma oposição dualista, alcunhado como feminino, o espaço público estará na outra ponta com alcunha masculina, perspectiva muito bem fundamentada nos trabalhos de Carmona (2020) e Antunes (2015)

Contudo, acredito que, mais do que o desenho do espaço, o que reforça nossas decodificações sobre a perspectiva sexual do ambiente é quem o ocupa. Quando sentia a diferença de pertencimento e acolhimento num ambiente precocemente lido como heteronormativo, eu quis tirar essa prova.

Motivado a comprovar que os usuários de um espaço podem influenciar na nossa percepção ambiental, bem como a nossa identidade de gênero e orientação sexual, em uma das seções do questionário aplicado, apresento aos participantes uma praça e vou variando os ocupantes. Nesta parte trabalho implicitamente o conceito de apropriação, sobre como as pessoas ocupam o espaço e acabam por caracterizá-lo, e quando o fazem, qual mensagem podemos decodificar.

Em cada uma das variações pergunto quão confortável o participante estaria naquele contexto, o quão provavelmente iria se apropriar dele com os conceitos de passagem (apropriação transitória), e o quão provavelmente permaneceria (apropriação prolongada). Mais uma vez peço que respondam assinalando de 1 a 5 sendo 1 pouco provável/confortável e 5 muito provável/ confortável, e depois é atribuída uma média como nota da classificação do contexto.

Projetei a praça pretendendo que ela fosse o mais genérica possível, mas ainda assim reconheço que é impossível eu não passar qualquer identidade minha ao desenhá-la. Essa minha pretensão se baseia na expectativa de não criar ou reforçar estereótipos, pois quando assumimos que um lugar é muito “hetero” ou muito “gay”, nos apoiamos em elementos visuais que ali estão presentes associando-os a um grupo específico de usuários; essa associação vai variar em cada pessoa pela sua base de vivências anteriores, por isso que a única variação de uma situação da praça para outra é quanto ao grupo de pessoas que a ocupa.

Os ocupantes ditarem a leitura do espaço se comprova quando Christopher Reed diz que todo espaço tem, por exemplo, potencial para ser lido como *queer* (Carmona 2020):

Aceitando que o *queer* não é estático, mas sim um desafio a esse valor, cita a instalação "There Is No 'Queer Space', Only Different Points of View" de Brian McGrath, defendendo que o *queer* pode estar em todo lugar. Mais ainda, que lugar nenhum é totalmente *queer* ou *nao-queer*, de tal forma que "o espaço *queer* está no processo de literalmente tomar o lugar, reivindicar o território." Ao longo de seu texto identifica quais seriam as características desse território em disputa, e variam símbolos materiais como bandeiras LGBT+, até uma relação com o passado e a vontade de renovação de centros históricos. (CARMONA, 2020, p. 122)

Então começo apresentando a praça vazia (Figura 16), para que os participantes tenham uma base do ambiente não apropriado por nenhum grupo de pessoas a princípio, assim o imaginário subjetivo de cada um fica mais afiado e isento de qualquer tendenciosidade inicial.

Gostaria muito de ter feito análises da perspectiva de transsexuais, mas infelizmente a análise por recorte de gênero das respostas das pessoas que não se identificam cisgênero não foi possível, por não serem amostras expressivas. Apenas dois participantes se identificam por gênero fluido, um como homem transsexual e uma como mulher transsexual. Ainda assim, visto que estes participantes aceitaram o compromisso de me ajudar neste trabalho, pelo mesmo compromisso, apresento suas respostas em conjunto com as demais e as considero para as médias gerais de cada variação de ocupação.



Figura 16: Praça vazia. Fonte: o autor

VAZIA				
Identidade de gênero	Orientação sexual	Média de passagem	Média de permanência	Média de conforto
Fluido	Bissexual	4,5	2	3,5
	Assexual	5	2	2
Homem Cis	Bissexual	4,71	3,71	4,29
	Heterossexual	4,08	3,15	4,17
	Homossexual	4,29	2,95	3,35
	Pansexual	4	3,5	3,5
	Média total homem cis	4,3	3,13	3,71
	Homem Trans	Heterossexual	3	3
Mulher Cis	Bissexual	4,18	3	3,41
	Heterossexual	4,27	3,2	3,32
	Homossexual	5	5	5
	Pansexual	3	3,5	3,5
	Média total mulher cis	4,22	3,17	3,38
	Mulher Trans	Homossexual	5	4
MÉDIA TOTAL		4,25	3,14	3,5

Tabela 6: Resultado da decodificação da praça vazia em relação à identidade de gênero e à orientação sexual dos participantes. Elaborado pelo autor.

Como pode-se notar, em um contexto vazio, a praça obteve notas gerais acima do valor médio 3 (Tabela 6), e em quase todos os recortes quando se cruza com os resultados das respostas quanto à sexualidade dos participantes.

Em seguida apresento a mesma praça, sob a mesma perspectiva visual, entretanto com ocupantes em um contexto rotineiro, como em um fluxo cotidiano de pessoas (Figura 17).



Figura 17: Praça em um contexto cotidiano. Fonte: o autor

COTIDIANO					
Identidade de gênero	Orientação sexual	Média de passagem	Média de permanência	Média de conforto	
Fluido	Bissexual	4,50	2,50	2,50	
Homem Cis	Assexual	5,00	2,00	3,00	
	Bissexual	4,57	4,14	4,14	
	Heterossexual	3,92	2,77	3,85	
	Homossexual	4,45	3,36	3,68	
	Pansexual	4,50	3,50	4,00	
	Média total homem cis		4,34	3,29	3,80
Homem Trans	Heterossexual	3,00	3,00	2,00	
Mulher Cis	Bissexual	4,18	3,50	3,45	
	Heterossexual	4,52	3,91	3,82	
	Homossexual	5,00	5,00	5,00	
	Pansexual	3,00	1,50	1,50	
	Média total mulher cis		4,38	3,72	3,65
	Mulher Trans	Homossexual	5,00	5,00	5,00
MÉDIA TOTAL		4,36	3,54	3,69	

Tabela 7: Resultado da decodificação da praça em um contexto cotidiano em relação à identidade de gênero e à orientação sexual dos participantes. Elaborado pelo autor.

Esse primeiro contexto com pessoas apresentado é o mais isento de apropriação por um grupo específico dos usuários; e se comparado com o ambiente vazio, as notas gerais todas aumentam seu valor (Tabela 7), o que demonstra que os participantes se sentem mais confortáveis em lugares ocupados do que vazios.

Em seguida a variação de pessoas apresentada é com grupos de familiares com crianças, numa configuração bastante heteronormativa (Figura 18).



Figura 18: Praça em um contexto familiar. Fonte: o autor

CONTEXTO FAMILIAR				
Identidade de gênero	Orientação sexual	Média de passagem	Média de permanência	Média de conforto
Fluido	Bissexual	4,50	1,00	2,00
	Assexual	5,00	2,00	3,00
Homem Cis	Bissexual	4,43	3,71	4,00
	Heterossexual	4,08	3,15	3,92
	Homossexual	4,50	3,32	3,55
	Pansexual	4,50	3,50	4,00
	Média total homem cis	4,39	3,31	3,73
	Homem Trans	Heterossexual	3,00	2,00
Mulher Cis	Bissexual	4,18	3,55	3,68
	Heterossexual	4,59	4,16	4,07
	Homossexual	5,00	3,00	3,00
	Pansexual	3,50	2,50	2,50
	Média total mulher cis	4,43	3,90	3,88
	Mulher Trans	Homossexual	2,00	1,00
MÉDIA TOTAL		4,38	3,58	3,75

Tabela 8: Resultado da decodificação da praça em um contexto cotidiano em relação à identidade de gênero e à orientação sexual dos participantes. Elaborado pelo autor.

Essa situação ganha notas gerais mais altas em relação às outras duas apresentadas anteriormente (Tabela 8). Notei que os números de permanência e conforto diminuem dois pontos para mulheres homossexuais, valores expressivos para a escala em que trabalho. Gostaria muito de formular uma hipótese em cima desse decaimento, mas neste ocorre a mesma situação das pessoas que não se identificam como cisgênero, apenas uma mulher homossexual participou da minha pesquisa, por tanto carece de uma análise popular mais aprofundada.

A próxima situação que apresento é a praça ocupada por mulheres, como um ambiente apropriado pelo público feminino (Figura 19).



Figura 19: Praça como ambiente feminino. Fonte: o autor

AMBIENTE FEMININO				
Identidade de gênero	Orientação sexual	Média de passagem	Média de permanência	Média de conforto
Fluido	Bissexual	4,50	3,50	4,00
Homem Cis	Assexual	5,00	2,00	3,00
	Bissexual	4,43	4,29	4,71
	Heterossexual	3,75	2,92	3,38
	Homossexual	4,36	3,64	3,95
	Pansexual	4,50	4,00	4,50
	Média total homem cis	4,23	3,51	3,91
	Homem Trans	Heterossexual	3,00	3,00
Mulher Cis	Bissexual	4,36	4,05	4,27
	Heterossexual	4,66	4,48	4,45
	Homossexual	5,00	5,00	5,00
	Pansexual	3,50	3,00	4,00
	Média total mulher cis	4,54	4,30	4,39
	Mulher Trans	Homossexual	4,00	4,00
MÉDIA TOTAL		4,40	3,97	4,18

Tabela 9: Resultado da decodificação da praça em um contexto de apropriação feminina em relação à identidade de gênero e à orientação sexual dos participantes. Elaborado pelo autor.

Este foi o cenário que recebeu as maiores notas gerais em todas as categorias, expressivamente os 4,18 pontos de conforto (Tabela 9).

Por ter notado uma discrepância no grupo dos homens cisgênero, quis fazer uma análise específica separando as pessoas heterossexuais das demais orientações sexuais. Notei especificamente que os homens heterossexuais deram notas sensivelmente mais baixas se comparados com os outros. Unifico o grupo dos não-heterossexuais sob o termo *queer*, e não coloquei essa análise na tabela x por esta seguir o padrão das demais situações.

Para as mulheres *queer*, as médias de passagem, permanência e conforto foram 4,32, 4,00, e 4,29 respectivamente. Para os homens *queer* os valores foram 4,40, 3,75, e 4,13 para as mesmas categorias de avaliação respectivamente.

Esses resultados poderiam nos fazer crer que então, para os homens heterossexuais, ambientes apropriados pelo público masculino teriam notas mais

altas em relação a passagem, permanência e conforto. E incrivelmente, essa pesquisa não comprova essa teoria.



Figura 20: Praça como ambiente masculino. Fonte: o autor

AMBIENTE MASCULINO				
Identidade de gênero	Orientação sexual	Média de passagem	Média de permanência	Média de conforto
Fluido	Bissexual	4,00	1,50	1,00
Homem Cis	Assexual	5,00	2,00	3,00
	Bissexual	4,00	3,43	3,14
	Heterossexual	3,75	2,54	3,23
	Homossexual	3,77	2,68	2,55
	Pansexual	4,50	3,50	4,00
	Média total homem cis		3,86	2,78
Homem Trans	Heterossexual	3,00	3,00	2,00
Mulher Cis	Bissexual	2,45	1,45	1,41
	Heterossexual	3,23	2,14	2,00
	Homossexual	1,00	1,00	1,00
	Pansexual	2,00	1,50	1,50
	Média total mulher cis		2,91	1,88
Mulher Trans	Homossexual	1,00	1,00	1,00
MÉDIA TOTAL		3,27	2,22	2,19

Tabela 10: Resultado da decodificação da praça em um contexto de apropriação masculina em relação à identidade de gênero e à orientação sexual dos participantes. Elaborado pelo autor.

As notas gerais da praça apropriada por um público masculino foram as mais baixas de todas as situações apresentadas (Tabela 10). Aliás, esta situação teve uma baixa aceitação inclusive dentre os próprios homens heterossexuais, sendo que se trata do contexto em que mais os representa.

Por fim, apresento a praça em um contexto *queer*, no qual o perfil dos ocupantes mais foge do padrão heteronormativo social (Figura 21).



Figura 21: Praça como ambiente masculino. Fonte: o autor

AMBIENTE QUEER				
Identidade de gênero	Orientação sexual	Média de passagem	Média de permanência	Média de conforto
Fluido	Bissexual	4,50	4,50	4,00
	Assexual	5,00	2,00	3,00
Homem Cis	Bissexual	4,50	4,33	4,67
	Heterossexual	4,08	2,85	3,31
	Homossexual	4,45	4,09	4,18
	Pansexual	4,50	4,00	4,50
	Média total homem cis	4,37	3,70	3,98
	Homem Trans	Heterossexual	3,00	3,00
Mulher Cis	Bissexual	4,09	3,82	3,86
	Heterossexual	4,55	4,14	4,16
	Homossexual	5,00	5,00	3,00
	Pansexual	4,00	4,00	4,00
	Média total mulher cis	4,39	4,04	4,04
Mulher Trans	Homossexual	5,00	5,00	5,00
MÉDIA TOTAL		4,38	3,92	4,01

Tabela 11: Resultado da decodificação da praça em um contexto de apropriação *queer* em relação à identidade de gênero e à orientação sexual dos participantes. Elaborado pelo autor.

Essa situação final apresentada foi a segunda mais bem colocada na classificação de notas gerais, mostrando que, mesmo esse público sendo alvo de injustiças sociais, ele ainda passa a sensação de acolhimento, deixando as pessoas confortáveis.

Novamente senti necessidade de analisar os dados separando mulheres e homens *queer* dos heterossexuais para ver quanto seria a discrepância.

A média de passagem para os homens heterossexuais é de 4,08, enquanto para os homens *queer* a nota fica 4,48. Para as mulheres heterossexuais na mesma categoria a média ficou 4,55 enquanto para as mulheres *queer* ficou 4,12.

Quanto à média de permanência, para os homens heterossexuais o resultado foi 2,85, para os homens *queer*, foi de 4,07. Para as mulheres heterossexuais o valor obtido foi de 4,14 e para as mulheres *queer* 3,90.

O conforto obteve nota 3,31 para homens heterossexuais, e 4,26 para homens *queer*, para as mulheres heterossexuais 4,16 e mulheres *queer* 3,90 novamente.

Em todos estes casos a nota de mulheres *queer* foi inferior à nota de mulheres heterossexuais, sendo a maior disparidade nas notas de passagem, com diferença de quase meio ponto.

Para os homens, a disparidade foi muito significativa na nota de permanência, com diferença de 1,22 pontos. Se analisar a perspectiva dos homens heterossexuais em todas as situações, é curioso ver que o ambiente *queer* obteve uma das notas mais altas de passagem, e uma das notas mais baixas de permanência, evidenciando o quão diferentes podem ser as sensações dependendo da maneira em que se usa o ambiente.

5. RESTITUIÇÃO

A etapa final da leitura ambiental é o que fazemos após decodificar as nuances do ambiente. É o que devolvemos para o espaço do que absorvemos, como externalizamos o que captamos, a parte em que respondemos o que foi lido. Essa restituição acontece quando encaixamos as nossas individualidades no meio coletivo, podendo ir desde escalas maiores como movimentos coletivos, militâncias, ou até mesmo pequenas interações com o ambiente num contexto íntimo.

Observando o ambiente circundante, cada um irá se enxergar de um jeito único. Nessa fase, ao problematizar o que sentimos devemos refletir e canalizar, através dessa leitura, o que melhorar quanto ao que percebemos deficiente, e replicar o que vivenciamos de positivo.

De todas as criaturas, somente o ser humano pode efetuar mudanças deliberadas e auto-conscientemente. Além disso, ele o faz a partir de uma cultura comunicável e única, que outras espécies não possuem. A distinção é importante porque dá ao ser humano um grau de controle sobre seu mundo de que nenhuma outra espécie desfruta. Mais do que isso, torna possível o planejamento da direção de efeito de tais mudanças, oferecendo ao indivíduo a liberdade de melhor definir a si próprio no ato de modificar seu ambiente e, acima de tudo, de criar um mundo que reafirma seus preceitos filosóficos e éticos. Controlar o ambiente significa, em muitos sentidos, moldar o futuro. (ITTELSON, PROSHANSKY, RIVLIN, WINKEL, 2005, p. 3)

Os projetistas possuem a mudança como cerne da profissão, e cada vez mais se discute nessa profissão a necessidade de gerar mudanças significativas na esfera da percepção sexual do ambiente.

Por exemplo, as discussões do papel da mulher na arquitetura, e os espaços outorgados como femininos.

As mulheres têm estado envolvidas com o desenho e forma do espaço de várias maneiras, enquanto praticantes, teóricas, consumistas, historiadoras e objetos de representação. Todavia, a arquitetura tem sido dominada pelos princípios e regras masculinos e a mulher tem sido relegada ao seu papel biológico de mãe e constringida à domesticidade, à casa e ao mundo privado; até há poucas décadas atrás, por exemplo, não lhes era permitida a integração no mundo acadêmico. (ANTUNES, 2015, p. 3)

Lia Antunes condensa em seu artigo *A Arquitetura nunca mais será a mesma: Considerações sobre gênero e espaço(s)* de forma clara as discussões de teorias feministas na arquitetura, trazendo pautas e exemplos de restituições acima das decodificações que fazemos do espaço patriarcal que nos contorna.

A autora traz um exemplo do que seria essa fase de restituição: o Movimento *Fifth Street Women's Building*, sobre uma ocupação de um edifício abandonado em Nova York em 1971:

Porque queremos desenvolver a nossa cultura,
Porque queremos superar estereótipos,
Porque nos recusamos a ter "direitos iguais"
Em uma sociedade corrupta,
Porque queremos sobreviver, crescer, ser nós mesmas,
Tomamos um prédio para colocar em ação com as mulheres
Essas coisas essenciais para as mulheres – cuidados de saúde,
Cuidados infantis, conspiração alimentar, roupas e livros,
Intercâmbio, "me dê abrigo para mulheres", um centro
De direitos lésbicos, centro inter-artes, feminista
Escola, reabilitação de drogas.
Sabemos que a cidade não nos fornece.
Agora sabemos que a cidade não nos permitirá
Providenciar para nós mesmas.
Por esse motivo fomos presas.
Fomos presas porque somos mulheres atuando
Independentemente dos homens, independentemente do sistema...
Em outras palavras, somos mulheres sendo revolucionárias
(WEISMAN, 1994, *apud* ANTUNES, 2015, p. 10, tradução própria)

E ainda aponta os trabalhos de Dolores Hayden de qual resposta se dar à imposição feita pelo ambiente moldado pelos homens:

A historiadora Dolores Hayden tem vindo a identificar certas características do ambiente produzido pelo homem, como as cidades insensíveis à diversidade do habitar, as ruas pouco hospitaleiras ou o simbolismo sexista da publicidade. Propõe então a substituição por melhores transportes públicos, por espaços públicos acessíveis à coletividade ou por uma rede mais apropriada de creches e lares de idosos. Defende a eliminação da segregação residencial por classe, etnia, ou idade, e um novo paradigma de casa, que não se molde pelos padrões tradicionais em torno da cozinha, das atividades ditas femininas e do casamento, e de bairro, com serviços adicionais que apoiem o espaço privado e os pais que trabalham. Neste sentido, ao colocar a questão "What would a non-sexist city be like?" (1980), Hayden pretende provocar sobretudo os arquitetos e urbanistas para que reconheçam os novos tipos de família como constituintes de novas abordagens de projeto, rejeitando, por exemplo, que o lugar da mulher ainda é a casa. (ANTUNES, 2015, p. 12)

Além disso, aborda a quebra (ou a tentativa dela) de se ler o ambiente doméstico como feminino. O universo doméstico é o berço da discussão feminista, mulheres que não queriam se ver confinadas a um estilo de vida específico, que foi imposto a elas, começaram as lutas para sua emancipação. Antunes traz a ideia da dicotomia para explicar porque isso ocorre. Começando pela leitura do espaço público, feito por e para homens, visando suprir suas próprias necessidades. E para

justificar a supremacia masculina ocidental no conceito patriarcal, dicotomicamente, se alcunha o espaço privado como feminino.

A representação mais persuasiva de espaço/gênero é o paradigma das “esferas separadas”, um sistema de oposições e hierarquias que consistiu no domínio do espaço público pelo homem (a cidade) e na subordinação do espaço privado feminino (a casa). Esta ideologia separa claramente a cidade da casa, o público do privado, a produção da reprodução, o homem da mulher. A crítica das teóricas e arquitetas feministas à construção dualista vai no sentido de mostrar quão redutor é este sistema em relação à realidade e à diversidade humana. A construção binária do gênero atribui certas características, domínios e atividades ao homem e os opostos à mulher – céu/terra, intelecto/sentimento, sagrado/profano, cultura/natureza, mente/corpo – e, conseqüentemente, se o homem assume o papel de construtor ativo do espaço, em teoria, relega-se a mulher ao papel passivo de ocupante. (ANTUNES, 2015, p. 15)

Além da teoria feminista, o pensamento LGBT+ na arquitetura ganhou força nos anos 90. Uma diferença sensível do que se discute nas pautas feminista e LGBT+ é quanto à sensualidade e ao erotismo.

Uma das qualidades dessa primeira onda de escritores a tratar da homossexualidade masculina (problematicamente categorizada como *queer*) é, entre outras, superar uma visão construída à pelas feministas, de que a forma curvilínea e introspectiva seria erótica por definição. Quando Betsky fala da obra de Frank Israel, arquiteto gay que teria desenhado formas puras reveladoras de uma materialidade a ser sentida pelo corpo, ou na análise do Cadet Quarters de Joel Sanders e John Lindell¹⁶, quando o escritório SOM opta por ângulos retos e padrões ergonômicos para abrigar os corpos militarizados, conseguimos visualizar uma outra possibilidade formal que expressa o erótico. Isso é positivo não só porque libera o erótico de um léxico rígido pré-fixado, mas porque desnaturaliza a associação entre mulher e desejo, mulher e natureza, mulher e sexo, mulher e procriação, em suma, descarta a definição de que a mulher é “um corpo sexual em tempo integral” (PRECIADO, 2014, p.149) (CARMONA, 2020, p. 124)

Visando esse lado erótico e motivado a entender como ele se desenvolve nas relações pessoa-ambiente, utilizei o questionário para uma pesquisa na esfera íntima: a prática sexual. Por séculos nossa cultura heteronormativa tentou criar uma diretriz em cima do sexo, que só se pode concretizá-lo em um determinado local (o lar, mais especificamente o quarto matrimonial), com uma determinada pessoa (o cônjuge), para uma determinada finalidade (a reprodução). Essa diretriz está ligada diretamente à relação de posse do homem para com a mulher, bem como ao controle repressor da sexualidade feminina.

Com o avanço da emancipação feminina, e as mulheres tendo maior domínio sobre sua própria sexualidade, o local em que se pratica o sexo também foi perdendo seu caráter restritivo, e outras alternativas de ambientes começaram a ser

cogitadas devido as novas interações sexuais que a luta contra o patriarcado permitiu.

Biologicamente falando, o ato sexual está num momento em que somos dominados por sensações físicas e psicológicas de prazer, e nesse momento baixamos nossa guarda instintiva, nos permitimos estar vulneráveis no ambiente.

Utilizei, então, uma outra seção do mesmo formulário já apresentado para saber como se estrutura a relação prática sexual-ambiente nos dias atuais.

Uma pergunta chave que faço para começar a entender essa relação, é o que leva as pessoas a praticarem sexo nos lugares menos convencionais. Dei aos participantes as seguintes opções de resposta: falta de opção, fetiche, improviso, sentiu segurança, e não fez; sendo que eles poderiam marcar mais de uma alternativa, ou ainda acrescentar outras opções. (Figura 22).

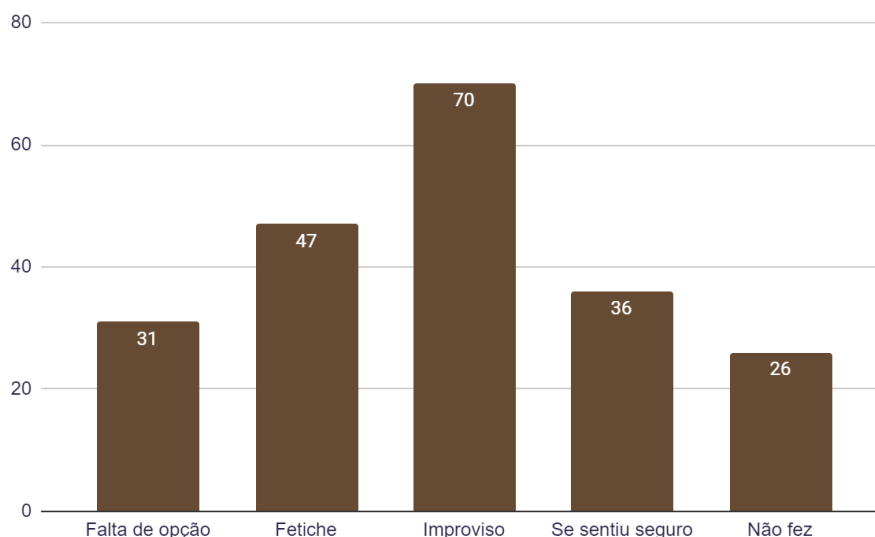


Figura 22: Motivos para a prática sexual em lugares menos convencionais. Elaborado pelo autor.

Também nesta seção analiso quais locais as pessoas se sentem mais abertas a fazê-lo. Os participantes simplesmente deveriam responder, por ambiente, se já fizeram e gostaram, ou se já fizeram e não gostaram, ou se nunca fizeram mas têm interesse ou se não têm interesse.

Dividi os ambientes em três categorias: doméstico, público com acesso controlado, e público com acesso livre.

Os ambientes domésticos, geralmente, são os que as pessoas já possuem uma pré disposição a praticar sexo, justamente por garantirem maior privacidade, e menor vulnerabilidade.

AMBIENTES DOMÉSTICOS				
	Fez e gostou	Fez e não gostou	Não fez mas tem interesse	Não fez e não tem interesse
Quarto	113	0	4	1
Sala de estar	104	3	8	3
Cozinha	50	13	26	29
Banheiro	91	18	4	5
Sala de jantar	46	5	38	29
Partes externas (Varanda, sacada, quintal)	45	6	52	15
Lavanderia	28	5	25	60

Tabela 12: Resultado das práticas/interesses sexuais dos participantes em ambientes domésticos. Elaborada pelo autor.

O quarto, a sala e o banheiro tiveram aprovação de mais de 75% dos participantes da pesquisa, uma porcentagem expressiva. Acredito que esse resultado se dê por serem ambientes que mais se garantem privacidade (no caso do quarto e do banheiro), ou pelo conforto físico das áreas de permanência prolongada (quarto e sala).

Nos apontamentos de práticas desaprovadas, o quarto não obteve votos, e o banheiro foi o preterido, entretanto apenas 15% dos participantes o assinalaram.

No âmbito da curiosidade, os ambientes em que não se fez sexo, mas se tem interesse, os mais elencados foram as áreas externas e lavanderia.

Quanto à falta de vontade, mais de 50% dos participantes não têm interesse em práticas na lavanderia.

Encerrando a discussão quanto aos ambientes domésticos, deixo uma caixa de respostas abertas para que os participantes citem algum ambiente diferente dos anteriores em que já praticaram sexo, que não foram dados como opções. Foram citados: piscina (3 respostas), em frente à lareira (1 resposta), elevador (1 resposta), terraço (1 resposta), e corredor (1 resposta), todos apontados como boas experiências.

Além disso, pergunto o que impede as pessoas de praticarem sexo nos ambientes domésticos menos convencionais, dando quatro opções de base (outras

pessoas convivendo no mesmo ambiente, falta de interesse, falta de interesse do parceiro, e falta de comodidade), podendo-se assinalar mais de uma alternativa, e deixando uma opção em aberto caso queiram (Figura 23).

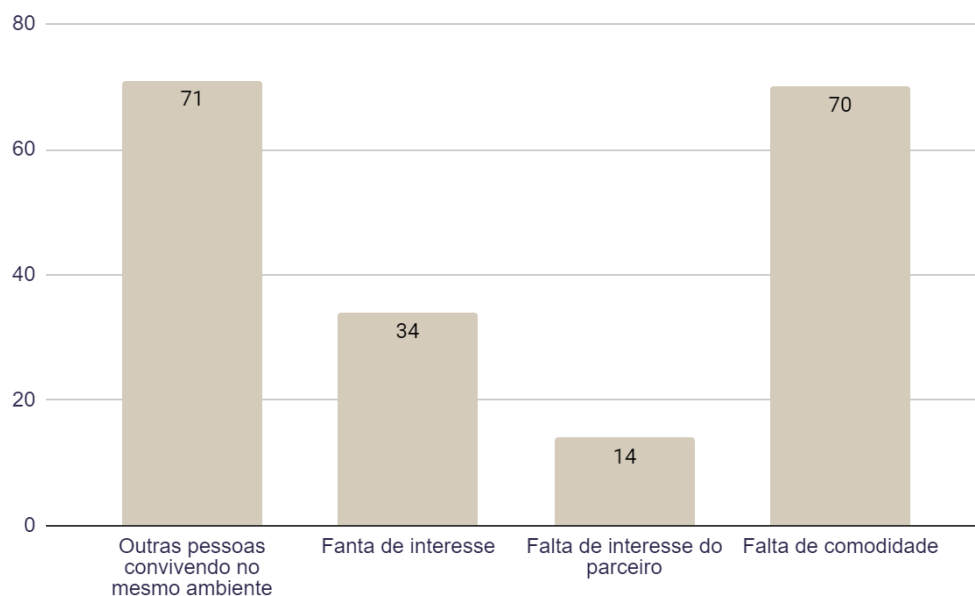


Figura 23: Impedimentos de se praticar sexo em ambientes domésticos menos convencionais. Elaborado pelo autor.

Nas opções em aberto foram trazidas questões como higiene (3 respostas, duas delas dizendo que não acham adequado praticar na cozinha e na sala de jantar), falta de parceiro com intimidade para isso (1 resposta), pessoas do lado de fora que poderiam ver (1 resposta), e estética do cômodo desagradável (1 resposta, sem mais detalhes).

Passando para a análise dos ambientes públicos com acesso controlado. Esses ambientes são onde a prática sexual é mais bem aceita, ou prevista em seu programa. São lugares voltados às pessoas com mais de dezoito anos de idade.

AMBIENTES PÚBLICOS DE ACESSO CONTROLADO				
	Fiz e gostou	Fez e não gostou	Não fez mas tem interesse	Não fez e não tem interesse
Motel	66	8	29	15
Hotel	78	1	30	9
Balada	20	8	36	54
Sauna	7	4	58	49
Drive-in	8	12	37	61
Cinema erótico	2	3	51	62
Prostíbulo	2	2	20	94
Clube de strip-tease	0	2	37	79
Casa de swing	5	1	38	74

Tabela 13: Resultado das práticas/interesses sexuais dos participantes em ambientes públicos de acesso controlado. Elaborada pelo autor.

Das opções dadas, os ambientes que mais receberam votos dos participantes que fizeram e gostaram da experiência foram hotel e motel, com mais de 50% das respostas; balada teve pouco mais de 10% dos votos, e as demais opções não chegaram a ter 10% de aprovação dos participantes.

As experiências ruins são lideradas pelo Drive-in, entretanto nenhuma delas chegou a obter mais do que 10% das respostas. O drive-in e o clube de strip-tease foram as únicas opções em que se houve mais experiências ruins do que boas.

Os votos de interesse foram mais presentes na sauna e no cinema erótico, com mais de 40% de respostas. É de se notar que essas duas opções não possuem o nível de privacidade do hotel e motel por exemplo, são lugares em que vários grupos de pessoas podem praticar sexo ao mesmo tempo, podendo ser observados por estranhos.

Enquanto a falta de interesse se concentrou no prostíbulo, no clube de strip-tease e na casa de swing, que obtiveram mais de 60% das marcações.

Pergunto, por fim, se havia algum ambiente público de acesso controlado diferente dos citados anteriormente que o participante gostaria de comentar. Alguns espaços foram citados, entretanto, eles se enquadram na categoria de ambiente público de acesso livre, por isso comentarei sobre eles na próxima.

A última categoria de análise, ambientes públicos de acesso livre, possui um caráter maior de fetiche, uma vez que seu programa não é voltado à prática sexual. Esses ambientes, em sua grande maioria, não restringem o acesso do público.

Justamente por se tratar de lugares fetichizados, algumas das opções da lista vêm de estereótipos, e outras são exemplos mais cotidianos.

AMBIENTES PÚBLICOS DE ACESSO LIVRE				
	Fiz e gostou	Fez e não gostou	Não fez mas tem interesse	Não fez e não tem interesse
Rua	23	12	20	63
Carro	78	16	17	7
Escada de incêndio	24	9	40	45
Cinema	22	9	41	46
Banheiro público	19	7	10	82
Praça/parque	13	8	24	73
Local de trabalho	20	3	28	67
Praia	22	11	48	37
Trilha	14	8	46	50
Cachoeira	17	3	66	32

Tabela 14: Resultado das práticas/interesses sexuais dos participantes em ambientes públicos de acesso livre. Elaborada pelo autor.

Os espaços em que se praticou e se gostou da experiência são liderados pelo carro, com mais de 65% das respostas.

Mesmo que o carro não seja um espaço onde o arquiteto exerça seu ofício diretamente, ele ganha destaque por ser uma estrutura móvel, cuja presença no ambiente interfere na percepção e no traçado urbano, sendo muitas vezes partido e objeto de molde para espaços como ruas e estacionamentos. Nós não projetamos o carro em si, mas desenhamos seus ambientes.

Dos ambientes onde se praticou sexo e não se obteve boa experiência, o carro lidera novamente, com 16 participantes assinalando a opção

O carro estar liderando as duas categorias se mostra interessante, porque a opção de drive-in nos ambientes públicos de acesso controlado não teve expressão, e foram relatadas mais experiências negativas do que positivas, enquanto nesta

seção o carro trouxe um grande percentual de aprovação. Como não foi questionado qual o contexto em que o carro se torna uma opção atrativa, pode-se formular hipóteses sobre o assunto; como o fetiche pelo lugar público, ou o isolamento do ambiente em que se estaciona, ou ainda pela adrenalina de um carro em movimento. De qualquer forma, carece de novos levantamentos.

Acredito que por se caracterizarem como ambientes fetichizados, em nenhuma das opções em que houve prática sexual a experiência ruim foi maior do que a experiência boa.

Estão no topo dos ambientes em que não houve prática de sexo mas os participantes têm vontade: a cachoeira, a praia e a trilha, seguidas pelo cinema e escada de incêndio.

Analisando cada ambiente de livre acesso, isoladamente, notei que quase todos tiveram a categoria da falta de interesse como a mais expressiva. Seguindo minha lógica que a emancipação do espaço para a prática sexual veio junto com a emancipação sexual feminina, resolvi cruzar os dados de desinteresse com a identidade de gênero dos participantes para verificar se há alguma relação entre eles.

PERCENTUAL DE DESINTERESSE AMBIENTES PÚBLICOS DE ACESSO LIVRE		
	Homens	Mulheres
Rua	40%	63,77%
Carro	6,67%	5,80%
Escada de incêndio	37,78%	39,13%
Cinema	40%	39,13%
Banheiro público	60%	78,26%
Praça/parque	46,67%	72,46%
Local de trabalho	51,11%	62,32%
Praia	34,09%	29,41%
Trilha	40,91%	44,12%
Cachoeira	34,09%	23,53%

Tabela 15: Desinteresse dos participantes em se praticar sexo em lugares públicos de acesso livre, separado por gênero. Elaborada pelo autor

O banheiro público, ambiente que mais ganhou votos, com cerca de 70% dos participantes não demonstrando interesse, possui um papel fundamental na história da sexualidade homossexual masculina: o evento conhecido popularmente como banheirão, quando homens gays buscavam alternativas para se expressarem sexualmente. O psicólogo e sexólogo Rígle Guimarães, em sua conta no instagram, fez uma postagem em 2019 muito explicativa e sintética sobre o banheirão:

Mesmo taxado pela sociedade em geral de “atentado ao pudor”, os banheiros se tornaram escape para homens transarem e realizarem as mais diversas fantasias. É perfeitamente um local onde a classe social, cor e aparência física não interferem no desejo.

Em épocas mais desafiadoras para vivenciar a homossexualidade, o banheiro foi o grande herói, permitindo encontros bem sucedidos entre dois ou mais caras ao mesmo tempo. Nem mesmo as polêmicas que ganharam notoriedade na mídia com o intuito de barrar o banheirão conseguiram extinguir essa vivência. (GUIMARÃES, 2019. n. p.)

Outros ambientes públicos de acesso livre que os participantes citaram já terem vivenciado experiências sexuais são: academia (1 resposta), faculdade (2 respostas), barco (1 resposta) e duna (1 resposta).

6. CONCLUSÃO

De toda a leitura e análises do que se pode sexualizar no ambiente, eu, particularmente, concordo com a visão de George Chauncey quando questionado sobre replicarmos espaços *queers*, de que não se há uma necessidade de reforçar, ou mesmo forçar, uma estética específica no espaço (CARMONA, 2020, p. 123).

Mesmo que nossas intenções sejam ir de encontro com elementos opressores do espaço, estaríamos ainda reforçando a dicotomia, fortalecendo a essência de duas maneiras de projetar, no sentido de que para projetar um espaço “gay”, exista também um espaço “hétero”; ou para determinar um espaço feminino, exista um masculino

O que devemos é continuar captando nos espaços os elementos que nos dão sensações de prazer e conforto, para que ao decodificá-los, restituamos um espaço inclusivo e plural.

Na própria fase de captação, a mais subjetiva de todas, eu apresentei algumas das respostas cruzando com a identidade de gênero dos usuários visando mostrar que as sensações de prazer no íntimo não estão atreladas a gênero, em nenhuma das categorias analisadas a discrepância da média de homens e mulheres foi sensível, e ainda assim muitos arquitetos, *designers* e pessoas civis fora deste campo buscam reforçar estereótipos. A própria cor rosa, carro forte da estética feminina, foi mais preferida por homens do que mulheres.

Na decodificação, mostro como os símbolos podem e reforçam mensagens desde muito antes do que muitas pessoas acreditam ser o início da discussão de gênero, feminismo e orientação sexual. E ainda demonstro (ou pelo menos tento) que é possível se fazer uma decodificação de conforto e ocupação sob uma óptica sexual sem alterar o projeto, apenas os usuários, e que, não obstante, a sensação de conforto pode ser maior quando os ocupantes não se assemelham a quem observa, pois existe uma consciência coletiva de que alguns grupos de pessoas podem ser mais inclusivos e outros mais hostis.

E restituímos interagindo com o ambiente. Externalizamos tudo o que absorvemos nos apropriando dele em escalas coletivas e íntimas.

Por base, busquei teorias para fundamentar minhas análises das respostas do questionário, eu queria quebrar o senso comum da visão sexualizada do espaço através de uma pesquisa de campo, mas me deparei com discussões teóricas muito

boas como as de Beatriz Colomina e John Preciado, e outras que me instigaram a querer saber mais, porém não condiziam com os resultados apresentados na pesquisa.

Fico pensando se a amostra do meu formulário é realmente bastante elitizada pois não confirmou a teoria apresentada por Carmona (2020, p. 123) que homens gays cobiçam os espaços públicos para práticas sexuais, uma vez que o autor aponta essa cobiça ser mais frequente nas classes sociais menos favorecidas. Ou ainda se podemos notar uma revolução da prática homossexual masculina que não busca mais se esconder em banheiros e becos.

Gostaria muito que tivessem mais pessoas transsexuais respondendo meu formulário para fazer um mapeamento das sensações de conforto e pertencimento deste que é o grupo com menor visibilidade na cidade e também o mais oprimido.

De qualquer forma, como afirmei na introdução, este trabalho não busca trazer respostas, apenas novas perspectivas para discussões que são intermináveis pelo caráter inconstante e multifacetado da sociedade. E sorte nossa esse caráter ser assim. A dimensão que este trabalho ganharia não iria condizer com sua proposta ou com o espaço de tempo que tinha para fazê-lo. Entretanto deixou engatilhado em mim o apetite por desenvolvê-lo.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Lia Pereira Saraiva Gil. **A Arquitetura nunca mais será a mesma.**: considerações sobre gênero e espaço(s). 2015.

AZEVEDO, Monia Karine; MELLO NETO, Gustavo Adolfo Ramos. O desenvolvimento do conceito de pulsão de morte na obra de Freud. **Revista Subjetividades**, Fortaleza, v. 1, n. 15, p. 1-1, abr. 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692015000100008. Acesso em: 09 maio 2022.

CARMONA, Jaime Solares. **Gênero e Sexualidade na Teoria da Arquitetura**. 2020. 1 v. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-27032021-001317/publico/MEJaimeSolaresCarmona.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2021.

DEL VALLE, Ricardo Mingareli. **A REPRESENTAÇÃO SIMBÓLICA DAS PRÁTICAS SEXUAIS NA ARQUITETURA**: da inserção sígnica figurativa à interferência na imagem da paisagem urbana. 2018. 1 v. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2018. Disponível em: https://www.usjt.br/biblioteca/mono_disser/mono_diss/2019/470.pdf. Acesso em: 06 jun. 2022.

GALHARDO, Leonardo. **Fetichicidade**: ensaio projetual sobre arquitetura homoerótica. 2019. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: https://issuu.com/leogalharDO/docs/fetichicidade-issuu-leonardo_galharDO-banca_final-. Acesso em: 30 abr. 2022.

GOLDENBERG, Fernando. **Prazer significado em psicanálise**. 2020. Site psicanálise clínica. Disponível em: <https://www.psicanaliseclinica.com/prazer-significado/>. Acesso em: 04 maio 2022.

GUIMARÃES, Rígle. **Vamo de BANHEIRÃO**. 10 set. 2019. Instagram: @psicorigle. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B2PII1aHEBZ/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>. Acesso em: 22 ago. 2022.

HELLER, Eva. **A Psicologia das Cores**. São Paulo: G. Gili, Ltda, 2014.

HISOUR. **Arquitetura fálica.** 2018. Disponível em: <https://hisour.com/pt/phallicarchitecture-29515/>. Acesso em: 12 jun. 2022.

ITTELSON, W. H.; PROSHANSKY, H. M.; RIVLIN, L. G.; WINKEL, G. H.. **Homem Ambiental.** Brasília: 2005. (Textos de Psicologia Ambiental). Laboratório de Psicologia Ambiental, Universidade de Brasília.

OLIVEIRA, Lucas. **Identidade Cultural.** Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/identidade-cultural.htm>. Acesso em: 24 jun. 2022.

PALLASMAA, Juhani. **A Imagem Corporificada:** imaginação e imaginário na arquitetura. Porto Alegre: Bookman, 2013.

PEREIRA, Matheus. **Capitéis da Antiguidade Clássica: Entenda a diferença entre as Cinco Ordens.** 2018. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/891364/capiteis-da-antiguidade-classica-entenda-a-diferenca-entre-as-cinco-ordens#:~:text=Em%20linhas%20gerais%2C%20h%C3%A1%20cinco,e%20comp%C3%B3sita%2C%20de%20car%C3%A1ter%20romano..> Acesso em: 06 jul. 2022.

SANFELICE, Pérola de Paula. **Sob as cinzas do vulcão: representações da religiosidade e da sexualidade na cultura material de Pompeia durante o império romano.** 2016. 1 v. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016. Disponível em: https://www.academia.edu/28426008/SOB_AS_CINZAS_DO_VULC%C3%83O_REPRESENTA%C3%87%C3%95ES_DA_RELIGIOSIDADE_E_DA_SEXUALIDADE_NA_CULTURA_MATERIAL_DE_POMPEIA_DURANTE_O_IMP%C3%89RIO_ROMANO. Acesso em: 15 jul. 2022.

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Educação & Realidade, [S. l.], v. 20, n. 2, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 1 set. 2022.

WINNICOTT, D. W.. **O Ambiente e os Processos de Maturação.** Porto Alegre: Artmed, 1983.